

A CONFUSA DICOTOMIA ENTRE CIÊNCIA BÁSICA E APLICADA

Nas reflexões de Volpato (2013, p. 101), a dicotomia entre ciência básica e ciência aplicada “[...] é infundada e produto de interpretações equivocadas do que seja ciência.”. Ou seja, da forma como esta dicotomia é colocada, presume-se que existem duas ciências e, por extensão, duas formas científicas de se construir conhecimento: a básica e a aplicada.

Segundo Volpato (2013), o equívoco ocorre porque esta concepção se baseia no produto final e não no mecanismo de gerar conhecimento. Sendo a ciência uma estratégia de gerar conhecimento e interpretar o mundo, o produto deste conhecimento pode ser aplicado imediatamente ou pode não apresentar uma aplicação prática imediata. Todavia, “a diferença entre o conhecimento básico e o aplicado não está na forma de construção (ciência), mas na sua correspondência social: serve para agora ou não.” (VOLPATO, 2013, p. 101).

Apoiados em Volpato (2013), definimos o direcionamento para publicação de resultados de pesquisa aplicada como uma decisão particular da equipe editorial da NAVUS, não como uma imposição da ciência. A ciência, por meio do método científico, é uma estratégia humana para construir conhecimento mais seguro e mais aceitável, embora não acabado. E conhecimento serve para resolver problemas práticos imediatos (ciência aplicada) ou não (ciência básica).

Seja qual for o enfoque de uma pesquisa, o importante é que se construa conhecimento de bom nível, pois mesmo a ciência aplicada num futuro próximo ou não, pode gerar tecnologia.

Nesta perspectiva, podemos assumir que no caso das pesquisas ditas aplicadas, há uma intencionalidade explícita da pesquisa, visto que, nelas, não se faz pesquisa puramente pela pesquisa, pois expressa um caráter político do problema ao qual pretende solucionar.

Demo (2008), ao tratar de cientificidade das pesquisas, se refere particularmente às pesquisas participantes, argumenta em favor de que elas devem ter características formais e políticas, que apresentamos aqui resumidamente na Figura 1.

Figura 1 – Critérios de cientificidade



Fonte: adaptado de Demo (2008).

Embora o autor trate especificamente da pesquisa participante ao apontar estes critérios, acreditamos que os mesmos possam ser elencados como válidos para todos os tipos de pesquisa aplicada.

Assim, utilizando a proposição apresentada por Demo (2008), podemos afirmar que as pesquisas aplicadas precisam ter, também, critérios formais e políticos para terem sustentação científica.

No que diz respeito aos critérios formais, a pesquisa é COERENTE na medida em que o texto não apresenta contradições.

A pesquisa é SISTEMÁTICA quando o texto dá conta de tratar do tema em profundidade.

O fato de ser CONSISTENTE significa que consegue sobreviver à contra-argumentações.

O caráter ORIGINAL da pesquisa, como o próprio termo sugere, diz que ela deve inovar.

O aspecto forma de uma pesquisa OBJETIVADA é porque ela capta a realidade, evitando submissões ideológicas e preconceitos, como afirma Demo (2008).

E, finalmente, no aspecto formal, a pesquisa é DISCUTÍVEL quando os seus resultados mostram um texto que pode ser discutido, argumentado e contra-argumentado.

No que tange aos aspectos políticos, o ACORDO INTERSUBJETIVO implica consenso dos pesquisadores (entre eles) e destes com a comunidade.

O RECONHECIMENTO DE AUTORIDADE por mérito diz respeito ao reconhecimento da autoridade de quem produz a pesquisa.

O aspecto da RELEVÂNCIA SOCIAL implica que a pesquisa deve ser capaz de propor soluções inteligentes.

E, como não poderia deixar de ser, o aspecto ÉTICO da condução da apresentação dos resultados da pesquisa.

Trazer esses aspectos para apontar nosso respeito e até mesmo uma certa preferência pelas pesquisas aplicadas, nos compromete a observar sob a ótica apontada por Demo (2008), os trabalhos que são a nós submetidos. Assim, acreditamos que a Navus tem um compromisso ético e estético com o tipo de pesquisa que se propõe a publicar e, igualmente, com o perfil de pesquisador que comumente está presente em nossas edições.

É a partir do estabelecimento de uma preferência de uma pesquisa voltada para fatos concretos e fins práticos, mas muito preocupada em publicar conhecimento confiável, que a revista NAVUS ganha força.

Boa leitura!

Os Editores

Eli Lopes da Silva e Nadi Helena Presser

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante**: saber pensar e intervir juntos. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

VOLPATO, G. **Ciência**: da filosofia à publicação. 6. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.